

Jales Dantas da Costa\*

Foi certamente muito bem recebida a publicação da *biografia clássica de Engels* no Brasil. No bicentenário de seu nascimento, a editora Boitempo disponibilizou aos leitores de língua portuguesa esse magistral trabalho de Gustav Mayer. Em sua apresentação, *Gustav Mayer – o biógrafo clássico de F. Engels*, José Paulo Netto analisou o caráter *pioneiro e consagrado* desta *fidedigna* biografia, bem como a recepção calorosa que recebeu de acadêmicos e estudiosos, e teceu valiosos comentários sobre a própria vida de Mayer. São poucos os livros biográficos em nossa língua dedicados exclusivamente a Engels<sup>1</sup>. Mayer foi o primeiro a realizar um estudo sistemático sobre a vida e a obra de Engels e é considerado o seu principal biógrafo. Sua pesquisa demorou pouco mais de vinte anos (entre 1913 e 1934). Publicou-a inicialmente em dois tomos, *Friedrich Engels in seiner Frühzeit* (1920) e *Friedrich Engels und der Aufstieg der Arbeiterbewegung in Europa* (1932), e depois os reuniu num único volume, intitulado *Friedrich Engels: Eine Biographie* (1934). Mas, por conta da chegada de Hitler ao poder, a biografia não pôde ser lançada em sua terra natal, a Alemanha, e acabou saindo em Haia. Meses depois, Mayer autorizou a edição inglesa da “nova biografia”, *Friedrich Engels: A Biography* (1936), muito mais “condensada” do que a versão original (pouco mais de um terço). O que o leitor de *Friedrich Engels: Uma Biografia* tem em mãos é justamente essa biografia diminuta, que “[...] lida especialmente com o homem e o político, deixando o teórico em segundo plano [...]” (MAYER, 2020, p. 25)), mas que “[...] nada perdeu de sua essencialidade”<sup>2</sup> (NETTO, 2020, p.24).

Estamos seguramente diante de precioso trabalho de reconstrução histórica da vida e obra de Engels. Esboçemos aqui nos limites desta resenha apenas alguns traços dessa preciosa reconstrução. Os seus vinte e quatro capítulos mostram, de fato, “[...] um homem em um desenvolvimento unitário, da infância à senectude” (Idem). Os primeiros dez capítulos (correspondentes ao primeiro tomo) tratam da juventude de

\* Professor no Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) e Coordenador do Grupo de Pesquisa Revoluções e Contrarrevoluções.

1 A mais antiga biografia sobre Engels publicada em português parece ser a de um coletivo de autores soviéticos, *Friedrich Engels: Biografia* (Lisboa/Moscou: Avante!/Progresso, 1986). Osvaldo Coggiola escreveu *Engels: o Segundo Violino* (São Paulo: Xamã, 1995). E mais recentemente foi publicado *Comunista de Casaca: a Vida Revolucionária de Friedrich Engels*, de Tristram Hunt (Rio de Janeiro: Record, 2010).

2 É o que assegura José Netto em sua sinopse das edições de 1934 e 1936.

Engels. Sobre a *Família e mocidade* destacamos não só a sua intolerância para com o pietismo, inclusive dentro de seu próprio lar em Barmen, mas principalmente “[...] os vislumbres que teve quando menino das misérias da classe trabalhadora [que] tiveram um efeito infinitamente maior sobre seu desenvolvimento intelectual posterior” (MAYER, 2020, p. 29). Sua *Entrada na política* se deu a partir das aproximações junto aos movimentos da “Jovem Alemanha” e do “Jovem Hegelianismo”. Em *Serviço militar, Jovens hegelianos*, Mayer percorre o contexto alemão de fins dos anos 1830, os rumos que Engels tomou em Berlim desde seu ingresso como voluntário no grupamento de artilharia (outono de 1841) até a publicação de dois panfletos<sup>3</sup> críticos à Schelling, então nomeado pelo próprio rei Frederico Guilherme IV para interromper a influência dos jovens hegelianos. A essa altura, Engels romperá “[...] os últimos laços que o ligavam à fé de sua infância e de seus pais”; já “sabia que era ateu” (MAYER, 2020, p. 42).

O caminho que Engels percorreu *Rumo ao comunismo* passou por sua infância e adolescência em Wuppertal (tempo em que “vira o significado dos conflitos de classe”) e Bremen (onde reconheceu “[...] como a burguesia influenciava os sistemas de governo”) (MAYER, 2020, p. 47). Tais “[...] descobertas, no entanto, permaneceram meras observações isoladas até se conectarem com sua luta para formar uma filosofia de vida. Então, e somente então, elas deixaram de ser puramente teóricas e tornaram-se fontes de ação” (Idem). A ação veio ao sair da Alemanha, então mergulhada “[...] em um estado de apatia primeva” (MAYER, 2020, p. 49). Em Londres “[...] libertou-se da atmosfera de disputas puramente teóricas que o cercava em Berlim sem satisfazer seu impulso para a ação” (Idem). Sua simpatia pelo sofrimento humano, assim como sua fome de conhecimento, estimularam Engels a estudar a posição da nova classe social, o proletariado. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e os ensaios anteriores *Past and Present* e *Esboço para uma crítica da economia política* dão mostras da genialidade e coragem d’O jovem Engels<sup>4</sup>, que com apenas 24 anos já realizara uma crítica independente aos economistas políticos, valendo-se do método dialético para expor o “tecido de contradições” de suas teorias. Ainda no início dos anos 1840, descobriu a “supremacia das forças econômicas sobre as políticas”, e se convenceu da necessidade da abolição da propriedade privada para erigir a emancipação da humanidade. Já não mais via “[...] a sociedade subordinada ao Estado, mas o Estado como subordinado da sociedade” (MAYER, 2020, p. 59). A luta de classes

3 Schelling e a revelação e A Bíblia insolentemente ameaçada, porém milagrosamente salva ou O triunfo da fé, ambos de 1842.

4 Sobre O jovem Engels escrevi breve artigo recentemente publicado na Revista Germinal. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/39022/23897>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

tornara-se “[...] um estágio do objetivo ideal dos humanistas” (MAYER, 2020, p. 68). Duas alternativas estavam postas enquanto persistisse o capitalismo: ou os homens abandonavam-se ao destino ou pegariam em armas em busca de seus direitos.

Engels ficou “terrivelmente impressionado” ao ver que, na metrópole industrial do mundo, o crescimento surpreendente da produção era acompanhado da pobreza brutal das massas, impossibilitadas de consumir os produtos de seus próprios trabalhos! Foi dessa vivência que concebeu o “autointeresse inflexível” como a base da sociedade contemporânea. Logo se juntou aos cartistas, convencido de que as circunstâncias os levariam ao socialismo e que o movimento levaria à revolução social violenta, única capaz de abolir a propriedade privada. Daí suas críticas às táticas pacifistas do socialismo inglês. Daí o cedo despertar pelo interesse da ciência militar e o apelido de “o general”. No início dos anos 1840, acreditava que a transformação revolucionária estava próxima, e não só na Inglaterra, mas também na França e Alemanha. É o que demonstra seu ensaio “Progresso da Reforma Social no Continente”, publicado no *The New Moral World* ainda no outono de 1843. Já era aí um revolucionário convicto, com uma “[...] fé inabalável na vitória final do comunismo” (MAYER, 2020, p. 291), “fé” essa que o acompanhou por toda a vida.

Ainda jovem, acompanhava detidamente os movimentos sociais europeus e, ao perceber que os ingleses desconheciam o trabalho de seus camaradas em outros países, logo se impôs a tarefa de expor a posição do socialismo continental. Mayer (2020, p. 58) nos lembra que “[...] foi Engels quem, antes de todos os outros, e mais ansiosamente que todos, dedicou-se à tarefa de unir os ‘comunistas’ dos países da Europa”. No outono de 1870 foi eleito para o Conselho Geral da Internacional, momento em que a organização vivia o auge de seu prestígio e influência no movimento da classe trabalhadora europeia. E mesmo após a suspensão da Primeira Internacional, em 1876, manteve-se ativo por meio de intensa participação no *Labor Standard*, jornal publicado em Londres e responsável por manter a tradição da Internacional. Nesse periódico, escreveu diversos artigos, intitulados *The European Working Class in 1877*, nos quais descreveu o movimento como obtendo “[...] resultados não apenas favoráveis, mas também rápidos” (MAYER, 2020, p.213). Em questões práticas, não forçava sua opinião sobre os movimentos da classe trabalhadora em vários países, mas também não se furtava a opinar quando solicitado. Mayer (2020, p. 215) recorda um princípio subjacente aos conselhos que Engels dava aos vários partidos: “O antagonismo de classe [...] só poderia ser dominado se os trabalhadores de todos os países estivessem decididos a moldar seu próprio destino e se organizassem como partidos políticos independentes, com base na luta de classes”. Já maduro, educou líderes dos novos e crescentes partidos da classe trabalhadora europeia e mostrou-

lhes como aplicar a teoria à prática política. Exemplos notáveis foram as publicações do *Anti-Dühring* (1878) e de seu extrato *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880), pelas quais Engels, no entender de Mayer (2020, p. 198), foi capaz de “[...] revelar o conteúdo e o ponto de vista do marxismo aos líderes da social-democracia alemã”, além de ganhar “[...] milhares e milhares de trabalhadores, na verdade gerações inteiras, para o marxismo”, de criar no continente europeu uma “verdadeira escola marxista, uma verdadeira tradição marxista”. Engels cuidou durante meio século da correspondência regular entre os movimentos/partidos de vários países europeus. Suas ideias se espalharam pela Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda, Suíça, Dinamarca, Suécia, Noruega, Polônia, Hungria, Espanha, Romênia, Bulgária e Rússia. Foi notório o crescimento da influência de Engels (e de Marx) no continente europeu. No entanto, não conseguiram estabelecer-se na Inglaterra, país que lhes despertara tantas esperanças. No final da vida, observou as massas se moverem aceleradamente em direção ao socialismo, e não se perturbou com o fato de o processo de tomada de consciência na Inglaterra ser mais lento do que em outros lugares. Era preciso ter paciência para com os ingleses, pois assegurava que, assim que soubessem o que queriam, tudo lhes pertenceria, Estado, terra, indústria...

*Friedrich Engels: Uma Biografia* sublinha o fato de Engels ter passado a maior parte de sua vida na Inglaterra. Os capítulos décimo primeiro ao vigésimo quarto (correspondentes ao segundo tomo) tratam da sua trajetória a partir do momento em que ele retorna a Londres, em 1849. Diz-se que ele não se sentia em casa na Inglaterra. Era filho de família burguesa alemã, alemão por natureza e por sentimento. Um homem “[...] animado com a vida, ativo, alegre e bom bebedor – esse era Engels, e ele permaneceu assim até uma idade avançada” (MAYER, 2020, p. 171). Sua visão sobre a vida era “estimulante e não acadêmica”; “[...] preferia detectar em vez de estudar, improvisar em vez de sistematizar” (MAYER, 2020, p. 63). Possuía uma “memória maravilhosa e enciclopédica”, um talento natural para observar conexões teóricas e delas extrair inferências para a ação. Sua escrita era criativa e sugestiva, além de expressar complicadas teorias em linguagem acessível aos leigos. Suas inúmeras qualidades fizeram dele “[...] o chefe do estado-maior do movimento da classe proletária na Europa durante o período de sua brilhante ascensão ao poder” (MAYER, 2020, p. 292). Engels sempre fora muito modesto, e “[...] tinha profunda antipatia por qualquer manifestação que o honrasse pessoalmente” (MAYER, 2020, p. 235), como por ocasião de seu septuagésimo aniversário.

Os primeiros capítulos da *Biografia Clássica de Engels* revelam o ponto até o qual ele havia alcançado antes de sua colaboração com Marx. Já aí vemos a grandeza de sua importância histórica, independentemente de Marx, como bem reconheceu

Mayer (2020, p. 88) nesta passagem sintética:

[...] ele [Engels] antecipou Marx na compreensão do capitalismo moderno, na definição da posição do proletariado em oposição a ele, na tentativa de síntese da filosofia alemã e da economia política inglesa, na aceitação do comunismo como seu credo e na exigência e prática da unificação internacional de todos os comunistas.

Foi apenas depois que conheceu Marx e percebeu nele qualidades que não possuía que “[...] limitou-se com consciência tranquila ao exercício de seus verdadeiros talentos [...]” e foi “[...] tocar o segundo violino” (MAYER, 2020, p. 63-64). Por acreditar na importância vital dos grandes talentos de Marx para o futuro da causa comunista, retornou (após oito anos) a Manchester (novembro de 1850) e aos “negócios imundos”, ciente de que Marx não tinha como sustentar a si e sua família. Além deles, também mantinha Mary Burns e seus parentes. No entanto, subestimou em muito a duração de seu sacrifício. Esperava que a subsequente e eminente crise econômica (ela só veio em 1857), aliada à conseqüente e renovada revolução (que não veio), “[...] lhe devolvesse sua liberdade [...]” de lançar-se “[...] a atividade plena na tarefa de sua vida” (MAYER, 2020, p. 171). Sabemos que isso não foi possível, pois teve de suportar longos dezoito anos à frente de negócios familiares. Foi somente em julho de 1869, alguns meses após aceitar a oferta de seu sócio Ermen de compensar-lhe por seus trabalhos prestados na empresa até ali, que conseguiu escrever a Marx: “Viva! De hoje em diante, nada mais de *doux commerce*. Sou um homem livre” (MAYER, 2020, p. 170). Ainda assim, nesse interim foi intensa sua atividade para além da rotina de negócios. Estudou ciências militares, fisiologia, etnologia e línguas (sobretudo russo), e, de forma exaustiva, importantes problemas geográficos, etnológicos, econômicos, políticos e militares envolvidos no conflito do leste europeu desse tempo. Isso o habilitou a escrever diversos artigos que foram enviados (em nome de Marx) para o *New York Tribune* e mais tarde ao *New-Order Zeitung*. Mayer nos conta que, entre os anos de 1851 e 1859, nenhum dos escritos de Engels foram publicados em seu próprio nome. É, portanto, equivocado creditar a Engels somente a ajuda material que forneceu a Marx, e ignorar o seu valiosíssimo trabalho em outras frentes ainda mais importantes. O livro primeiro de *O Capital* não teria sido finalizado sem o apoio decisivo de Engels, como reconheceu o próprio Marx<sup>5</sup>. Após a morte do inestimável amigo (14 de março de 1883), Engels abandonou

5 “Sem você eu não poderia ter completado o livro, e garanto que sempre foi uma carga para minha consciência pensar que você, principalmente por minha causa, estava desperdiçando seus brilhantes poderes em uma rotina de negócios, e tinha que compartilhar à força todas as minhas pequenas misérias” (MAYER, 2020, p. 167).

o próprio trabalho com o qual estava envolvido (*Dialética da natureza*) e dedicou a maior parte de seu tempo à tarefa de publicar os manuscritos dos livros segundo e terceiro. Como o livro segundo se encontrava bem “próximo da conclusão”, pode ser logo publicado em 1885. O mesmo não se deu com o livro terceiro, que possuía apenas um “primeiro rascunho extremamente incompleto” (MAYER, 2020, p. 205). Ainda assim, e mesmo diante de problemas físicos que surgiam e de seus maiores deveres políticos e jornalísticos (fruto do crescimento do movimento operário), Engels conseguiu publicá-lo no último ano de sua vida. A morte de Engels (5 de agosto de 1895) foi muito sentida pelo movimento operário europeu, e até hoje o legado de suas ideias, juntamente ao de Marx, segue insuperável.

A importância fulcral da publicação entre nós brasileiros de *Friedrich Engels: Uma Biografia* é manter viva a memória de Engels, a exemplar dedicação de uma vida à emancipação humana que só virá pela “união dos trabalhadores de todo o mundo”. É preciso não capitular diante das tentativas de conciliação que se recusam a forçar o caminho para a sociedade sem classes por meio de uma revolução social. Não basta apenas lutar pela defesa do padrão de vida dos trabalhadores e pela redução da jornada de trabalho. Há que se ter em conta as tarefas maiores de tornar a classe trabalhadora dona dos meios de produção, de abolir o trabalho assalariado e de travar a guerra contra o capitalismo com armas políticas. Eis aí um conselho marxista que segue atualíssimo para as lideranças de partidos e movimentos sociais no Brasil e em *Nuestra América*.